



Opinião Econômica

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

banrisul

O Brasil não é um país de descontrolados

Ao mencionar que compras na internet drenam o salário, Lula culpa a vítima

O presidente Lula acertou ao falar, em evento na última semana, sobre a necessidade de promover uma campanha para ensinar a população a administrar o orçamento doméstico. Educação financeira é extremamente necessária e pode, sim, ser um bom uso do dinheiro público. Perdeu a razão, entretanto, quando culpou um suposto descontrole nos gastos pessoais pelo endividamento recorde das famílias.

Ao mencionar que as pequenas compras pela internet - as "coisinhas" do dia a dia - acabam drenando o salário ao fim do mês, o presidente culpa a vítima pelo mal que a acomete. O brasileiro não está endividado por ser um descontrolado, um

"aloprado", para usar um termo que Lula popularizou há mais de uma década. As dívidas são o sintoma de um país onde o custo do dinheiro é estruturalmente alto e a mobilidade social fica a cargo da sorte, via Mega-Sena ou jogo do tigrinho.

O crédito que endivida os brasileiros não é aquele utilizado como alavanca para investir ou empreender, na busca por um futuro melhor. Famílias entram nos juros rotativos do cartão porque não conseguem pagar as contas do mês, lutando pelo presente.

E os juros do cartão, por aqui, são altos demais, como bem disse o presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, também na última semana. Ficam

acima de extorsivos 100% ao ano. Há outras linhas de crédito ainda piores. As distorções do mercado precisam ser corrigidas com urgência. Não se pode, entretanto, fingir que são a raiz do problema.

O dinheiro no Brasil custa caro para o consumidor, em grande parte, porque a taxa básica de juros definida pelo Banco Central de Galípolo é a segunda mais alta do mundo.

Se o prêmio para para emprestar dinheiro para a União (risco soberano) é de quase 15% ao ano, é óbvio que quem corre o risco de altíssima inadimplência, emprestando para endividados, cobrará muito mais. A Selic segue nas alturas porque não con-

seguimos controlar a inflação, em parte por um cenário externo de incertezas e guerras, em parte por ação e omissão do Executivo de Lula, do Legislativo e até mesmo do Judiciário.

O país carrega um histórico longo de inflação alta. Soma-se a isso uma instabilidade fiscal recorrente, em que a trajetória da dívida pública nunca está totalmente ancorada, além de um ambiente jurídico que ainda gera incertezas na recuperação de crédito. Cada item desses adiciona seus pontos nos juros.

Com eleições batendo à porta e adversários subindo nas pesquisas, é de se esperar que o presidente e candidato ao quarto mandato escolha um "inimigo

público número 1" para atacar.

Está no manual dos populistas, independente da ideologia declarada: buscar um vilão etéreo, contra o qual será fácil reunir aliados. Os cartões de crédito na última semana ocuparam um lugar que já foi das casas de apostas, ou bets (que, depois de pagarem R\$ 9,95 bilhões em impostos em 2025 parecem ter deixado de ser um problema social). Há poucos anos, o lugar pertenceu à ameaça do fantasma do comunismo.

Torço para que as promessas de investir em educação financeira e de impedir a cobrança de juros abusivas sigam para além do palanque. Gostaria ainda mais que o governo tratasse com seriedade um problema no qual sua responsabilidade vai muito além de multas e cursos, parando de tratar os sintomas como doença e o paciente como vírus.

Crédito ágil para o seu negócio.

Banrisul Giro Digital

é a linha de crédito ideal para necessidades de caixa, investimentos e melhorias no seu negócio.

Acesse e saiba mais >



banrisul
empresas

Câmara Brasil-Alemanha busca parceiros em inovação, diz Batistela

/INFRAESTRUTURA

Cláudio Isaías

isaiaasc@jcrs.com.br

O acordo Mercosul-União Europeia e as questões geopolíticas como os conflitos entre Estados Unidos/Israel e Irã e entre Rússia e Ucrânia e os seus impactos na economia do Brasil e do Rio Grande do Sul foram temas discutidos ontem, na primeira reunião-almoço de 2026 da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha no Rio Grande do Sul. Durante a solenidade, o empresário Luis Fernando Batistela assumiu a presidência da entidade para um mandato de dois anos em substituição a Cleomar Prunzel.

No discurso de posse, Batistela disse que na sua gestão é inegociável a questão da inovação e da modernização da entidade. "Vamos buscar parceiros

que tenham expertise na área da inovação. Tivemos um grande exemplo em Porto Alegre com a realização do South Summit Brazil. A Câmara Brasil-Alemanha quer estar próxima de instituições e de pessoas ligadas à inovação", destacou.

Sobre o cenário mundial, o novo dirigente disse que as tensões geopolíticas como as guerras no Oriente Médio e na Europa acabam por movimentar a economia mundial. "Sem esquecer o tarifaço norte-americano que afetou diversos países. Esse ciclo afeta o Brasil e, consequentemente, o Rio Grande do Sul", destacou.

Ao transmitir o cargo, Prunzel, vice-presidente de Administração e Finanças da Stihl Brasil, destacou que o acordo comercial entre Mercosul e a União Europeia é uma grande oportunidade para o Rio Grande do Sul. Segundo ele, os dois blocos reu-

nidos têm uma grande força, a começar pelos números: os quatro países da América do Sul e os 27 da União Europeia totalizam 750 milhões de habitantes. "Existe um alto poder aquisitivo, principalmente na Europa, com um Produto Interno Bruto (PIB) per capita muito alto. Mais um PIB combinado de US\$ 24 trilhões", ressaltou.

De acordo com o dirigente da Stihl, a iniciativa representa o maior acordo comercial e econômico da história no mundo. "As oportunidades com o acordo são nos setores que o Rio Grande do Sul historicamente é forte, como o agronegócio e geração de biocombustíveis. São duas oportunidades que o Estado terá com o acordo comercial entre o Mercosul e a União Europeia", acrescentou.

A CEO da Fraport Brasil, Andrea Pal, destacou os desafios logísticos e o potencial do turismo



Luis Fernando Batistela (E), Andrea Pal e Cleomar Prunzel no evento

no Rio Grande do Sul, ao apontar a necessidade de atrair mais visitantes europeus. Andrea criticou a subutilização do terminal de cargas local, que opera com apenas 20% de sua capacidade devido à falta de voos diretos da Europa. "A maior parte das mercadorias gaúchas ainda é transportada por caminhão até São Paulo", explicou.

A dirigente projeta que o

acordo entre o Mercosul e União Europeia possa impulsionar a circulação industrial e turística no Estado. Andrea destacou que a empresa realizou um investimento em um grande terminal que é de nível internacional. "Porém, até agora, temos apenas 20% de ocupação da estrutura. Não falta pista, não falta terminal, o que falta são os voos diretos da Europa", completou.